

O discurso engenhoso e persuasivo no *Ingenioso hidalgo Don Quijote de la Mancha*

Marcos Eustáquio de Paula Neto



Resumo:

Pretende-se, neste trabalho, estudar o discurso engenhoso - e agudo - de alguns personagens do *Engenhoso fidalgo Dom Quixote de la Mancha*. Aqui, o foco será o capítulo XXII da primeira parte, onde Quixote se convence que os galeotes que eram levados pelos guardas não fizeram por merecer tal desgraça. Levando em conta o *Modus operandi* da oratória do século XVII, serão analisados os discursos dos presos e como eles conseguiram convencer Quixote a libertá-los. Para isto, serão usados como suporte teórico os conceitos de retórica, agudeza e discurso engenhoso em textos de Aristóteles, Baltasar Gracian, Antonio José Saraiva e João Adolfo Hansen.

Palavras-chave: Cervantes. Agudeza. Engenho. Retórica. Discurso.

1. Introdução

O discurso desde sempre é utilizado a partir de técnicas que prezam pelo alcance a determinados efeitos no destinatário ou mesmo no remetente. Neste sentido pode-se considerar o discurso, as letras, como espécies de armas. Até mesmo Dom Quixote de la Mancha o compara às armas, pois seu poder pode mover multidões. Enquanto mais engenhoso ou agudo for o discurso maior será a possibilidade do receptor de convencer o destinatário a fazer algo de seu interesse ou a entender e defender as mesmas perspectivas.

O romance de Miguel de Cervantes é repleto de discursos engenhosos e agudos. Muitos deles são proferidos por Quixote e, principalmente na segunda parte, também por Sancho Pança. Um exemplo de discurso engenhoso, que merecia um trabalho como este a respeito, é o discurso proferido por Dom Quixote para explicar quem é mais valioso, os homens das letras ou os homens das armas, resguardando-se em defender estes e não aqueles.

A retórica é um conceito intrinsecamente presente no romance de Saavedra. Quixote pode defender o poder das armas, mas é a partir das letras que ele se

identifica e se constrói como o herói de la mancha. Isto é uma ótima explicação para se compreender o único adjetivo que lhe é dado no título do livro: engenhoso. É a partir do discurso que ele consegue, juntamente com Sancho Pança, suas maiores conquistas e suas maiores vitórias. Seu discurso assusta e faz, em variados instantes da narrativa do romance, pessoas se redimirem por acreditar em tão grande convicção usada pelo homem andante.

Ao contrário dos tempos contemporâneos, onde os grandes e bem-feitos discursos são feitos para multidões, principalmente em eventos onde todos expressam um juízo a respeito do que se ouve, no século XVII não existiam ministérios públicos. Falar para multidões era uma tarefa fisicamente impossível. Laurent Pernot, em seu livro *La retórica em Grécia y Roma* explica o seguinte:

No existia el ministerio público, de suerte que las acusaciones eran presentadas necesariamente por particulares: em el juicio privado (*dikê*), por la parte perjudicada; em el juicio público (*graphê*), por cualquier ciudadano. (2013, pág. 51)

Ou seja, os discursos de persuasão eram feitos em particular, para poucos ouvintes. Desta forma aconteceu com Dom Quixote em seus discursos. Nos casos escolhidos para serem analisados neste trabalho, Dom Quixote interroga cada um dos presos particularmente e pede para que estes lhe expliquem o porquê deles serem levados à força. Além desse caso, ele sempre proferia seus discursos para um pequeno número de pessoas, que acreditavam nele pela sua convicção, pelos silogismos e pelos mais variados exemplos de casos que concretizavam suas teses, mesmo que somente pela aparência.

2. O discurso engenhoso e agudo

Antes de analisar os discursos dos galeotes, será preciso entender as principais técnicas usadas pelos retóricos, que desde os Sofistas se consagraram como os donos dos discursos infalíveis, que convenciam todos os ouvidos e ensinavam os outros a arte de proferir bem e eficazmente para persuadir outras

pessoas. Neste trabalho, resgatando primeiramente a retórica aristotélica, nos iniciaremos no discurso de agudeza e de engenho. É importante frisar que a agudeza, aqui, está sendo retomada como um elemento do discurso que não é apenas lógico, mas transcende isso. A agudeza, pensada a partir do romance de Cervantes, especificamente pelo capítulo que aqui será analisado, é uma agudeza que constitui discursos feitos para persuadir, daí o título do artigo.

O discurso engenhoso, ou de forma mais pragmática, “o que extrai de uma palavra numerosos conceitos, e que extrai de um conceito numerosas palavras” (1980, Pág. 27), como explicita Antonio José Saraiva, é o constituinte e a instância do falar dos discursos de quem utiliza a língua para se alcançar determinados efeitos, sejam eles para agradar ou para persuadir. No capítulo XXII da primeira parte de Dom Quixote, depois que o engenhoso fidalgo conversava com seu escudeiro Sancho Pança sobre as possibilidades que o futuro lhes reservara, eles avistam os soldados do rei e os galeotes, seus prisioneiros. Dom Quixote os intercepta e então passa a indagar cada um dos galeotes para saber do motivo que os fez prisioneiros dos reis. Nesses discursos, dos galeotes, há um desencadeamento que os liga e os torna um só, triunfando sobre as replicas e interrupções dos guardas e fazendo Quixote libertá-los.

Na *Arte retórica* de Aristóteles, ele diz que “É manifesto que o papel da retórica se cifra em distinguir o que é verdadeiramente suscetível de persuadir do que só o é na aparência, do mesmo modo que pertence à dialética distinguir o silogismo verdadeiro do silogismo aparente” (Pág. 31). Pensando na retórica aristotélica como um meio de desvelar as aparências e as descobrir o que é verdadeiro, podemos dizer que os discursos dos galeotes não são propriamente retóricos, mas sim engenhosos e persuasivos, pois não se importam com os fatos em si e para Aristóteles “A finalidade da retórica consiste em abduzir provas” (Pág. 29), tudo o mais que não pertença às provas são puros acessórios do discurso.

Além de negar os caprichos da língua, mais adiante em sua obra, Aristóteles

explica sobre a forma de usar um outro importante elemento da retórica: “O exemplo não está na relação da parte para o todo, nem do todo para a parte, nem do todo para o todo, mas sim na relação da parte para a parte, do semelhante para o semelhante.” (1964, pág. 28). Ou seja, o exemplo não se compõe metonimicamente, ele é metafórico no sentido que substitui por completo a explicação ou o conceito dado por algo. Quando Quixote se vale de um exemplo para explicar algo, a lógica do discurso do cavaleiro e do exemplo dado pelo próprio devem se autoexplicar, tornando desnecessárias as reflexões complementares a respeito do exemplo, pois ele, por si só, comprova e cristaliza a perspectiva defendida pelo personagem de Alonso Quijano. No entanto, a maior dificuldade em dar créditos a Quixote está na utilização constante de exemplos da literatura de ficção para explicar e fundamentar seus feitos e outros acontecimentos da realidade. Isso nos remete aos silogismos de aparências denunciados por Aristóteles citados acima. Quixote não se defende utilizando fatos reais, como ocorre em entimemas verdadeiros, mas sim, em sua maior parte, através de exemplos resgatados dos livros de cavalarias que ele tanto lia.

Essa condição do Dom Quixote, de explicar a realidade através de estórias fictícias, é também a mesma das falas dos Galeotes. Eles – os prisioneiros - não estão preocupados em esclarecer realmente o que se passou em suas vidas, mas apenas tornar seus discursos ambíguos para que Quixote deixe-se enganar. O comprometimento deles, seguindo este pensamento, não são os fatos, a retórica em seu papel primeiro, mas sim a agudeza, o engenho, a capacidade de manipular e enganar. Maria do Socorro Fernandes de Carvalho no livro *Poesia de agudeza de Portugal* explica a perspectiva de discurso de agudeza para Baltasar Gracián. Ela justifica a alteração feita no título da obra *Agudeza y arte de Ingenio* dizendo que, esse novo título, assinala “o interesse na união entre retórica e poética” (122, 2007), pois demonstra uma “maneira específica de fazer poesia que opera ambas as vias, a argumentativa e a persuasiva afetiva”. Ou seja, no trabalho de Gracián, o discurso de agudeza será estudado como algo útil e agradável, pois,

ao mesmo tempo que encanta e é poético, também convence e é retórico. Na agudeza, o útil e o agradável se bifurcam. Por isso pensamos, como detalharemos ulteriormente, nos discursos dos galeotes como discursos agudos, pois são úteis no sentido de explicitar e são agradáveis, aos ouvidos de Quixote, que se identifica a eles e chega a dizer que se o que aqueles homens fizeram os torna prisioneiros, certamente que Dom Quixote também poderia se tornar um deles e ser levado à força pelas ordens do rei.

No livro *Agudeza y arte de Ingenio*, Baltasar Gracian propõe uma interessante divisão entre dois tipos de agudeza que deve ser tida em conta ao pensarmos nas respostas dos Galeotes como agudas:

La primera distinción sea entre la agudeza de perspicacia y la Del artificio; y ésta, es el asunto de nuestra arte. Aquélla tiende a dar alcance a las dificultades verdades, descubriendo la más recóndita. Ésta, no cuidando tanto de eso, afecta la hermosura sutil; aquélla es más útil, ésta deleitable; aquélla es todas las Artes y ciencias, en sus actos y sus hábitos; ésta, por recóndita y extraordinaria no tenía casa fija (Pág. 18-19)

Ou seja, há uma agudeza que busca as verdades que estão obscuras, para isto, procura-se ampliar ao máximo o leque de possibilidades da totalidade do real. A segunda agudeza é deleitável e busca afetar o outro através da formosura. O discurso dos galeotes faz parte, embora não totalmente, da segunda classificação das agudezas: *Del artificio*.

João Adolfo Hansen, no livro que resultou de sua tese de doutorado, de 1988, *A sátira e o engenho*, faz as seguintes considerações sobre o discurso agudo:

As agudezas conceituosas juntam o útil e o agradável de tal forma que o prazer de aprender o modo pelo qual dois conceitos distantes ou opostos são aproximados e fundidos num único gênero metafórico é também aprendizagem do prazer” (pág. 55, 2004)

Essas ideias de Hansen nos remetem ao que disse Maria do Socorro a respeito da perspectiva de Baltasar, onde a poesia é vista especificamente como um gênero onde a retórica se une à poética. Pelo agradável e pelo espetáculo dos contrários que se bifurcam na poesia de agudeza o leitor é convencido a acreditar

no que se lê.

O inacreditável do discurso de agudeza não se confina à fusão, num mesmo discurso, de elementos distantes no espaço e no tempo, mas transcende isso: faz com que esses elementos se expliquem e cooperem com o discurso de forma harmônica para que assim sua lógica seja melhor compreendida pelo leitor ou ouvinte. No instante em que o leitor percebe a lógica harmônica entre os dois elementos, as chances dele se convencer ou, dependendo do tipo de texto, se encantar se multiplicam. Pensando em todas essas reflexões do discurso agudo, como um discurso que pode ser produto de mero artifício – como eu poemas – ou o resultado de investigações da realidade – como em textos políticos, cuja função predominante é a fática –, partimos para as análises dos discursos dos galeotes visando-os como predominantemente artificiosos, mas de forma a não excluir seu papel de investigação dos fatos.

3. O discurso engenhoso dos Galeotes no capítulo XXII da primeira parte de *Dom Quixote*.

No capítulo XXII, nos conta Cide Hamete Benengeli, que Quixote e Sancho viram, depois de erguerem a face, *bem uma dúzia de homens pela estrada* (Pág. 286). Quixote se aproxima deles e pergunta aos guardas o porquê de todos aqueles homens serem levados à força, ao que os guardas respondem que eles eram “gente de sua majestade, que iam às galés, e que não havia mais o que dizer, nem ele mais o que saber” (2010, pág. 287). Quixote não aceita e diz que quer saber de cada um deles, *em particular*, a causa de suas prisões.

Como disse Laurent Pernot “No existia el ministerio público, de suerte que las acusaciones eran presentadas necesariamente por particulares” (pág. 51). Dom Quixote achou justo inquirir a cada um dos acusados particularmente, pois era desta forma que os juízos eram feitos. Avançando desta ideia para outra, podemos pensar o seguinte: Quixote inquirir os outros acusados, mas os discursos de defesa não ocorrem de forma isolada, eles se interrompem e às vezes

respondem um para o outro, como uma forma de cooperação, pois, ao que tudo indica, era necessário tocar intimamente Dom Quixote e, quando um dos galeotes permaneciam em silêncio diante das perguntas de Quixote, um outro os interceptava e falava pelo companheiro.

Segue uma lista do que acontece do primeiro ao último prisioneiro quando foram questionados por Quixote: O primeiro responde – O segundo permanece num melancólico silêncio e o primeiro interfere – O terceiro responde – O quarto chora e o quinto tem de responder, mas logo depois o quarto também responde. – O sexto responde com muita gargalhada. – O sétimo, Ginés de Passamonte, é interferido pelos guardas, mas depois também responde.

É visível que há alternâncias entre os que respondem, os que não respondem e os que interferem. O primeiro, o terceiro, o quarto, o sexto e o sétimo respondem. O segundo e o quinto não respondem. O primeiro, o quinto e os guardas interferem. Desconsiderando as interferências feitas pelos guardas, que são mais prejudiciais que benéficas aos galeotes, as outras nos fazem ver esses discursos particulares, que se interligam e se transformam em coletivos, como uma grande teia que trabalham intimamente unidas, de forma a convencer harmonicamente o fidalgo Dom Quixote.

Não é possível afirmar que intencionalmente, mas um outro aspecto do discurso dos ladrões que pode ser facilmente apontado como uma eficiente maneira de persuadir Quixote é a forma com que eles explicitam os motivos que os tornam presidiários a partir de características que estão também presentes no Quixote. O desejo de construir algo, por exemplo um futuro melhor, é um dos principais motivos pelas desgraças dos galeotes, e esse desejo de lutar pelo impossível é um dos constituintes que tornaram Alonso Quijano em nosso engenhoso cavaleiro.

O primeiro dos galeotes comentou sobre os feitos que o puseram em tal situação:

Os meus estiveram em muito querer uma cesta cheia de roupa-

branca, e por isso abraçá-la tão fortemente que, se a justiça não ma tirasse à força, ainda agora a não teria largado por minha vontade. Foi em flagrante, não houve lugar para tormento, concluiu-se a causa, deram-se um cento nos costados, mais três anos de *gurapa*, e acabou-se a história. (pág. 288)

Quixote não entende o que são “gurapas” e então o galeote explica que são galés, navegações. Seus motivos aparentemente não tocaram profundamente Dom Quixote, que logo passou a inquirir o segundo dos acusados. Quixote ficou sem respostas, apenas vislumbrou a face melancólica do segundo ladrão e então o primeiro os interferiu. A partir de então Quixote se comove e pede uma explicação melhor a respeito do motivo pelo qual o segundo desgraçado foi preso: “mas como? – replicou D. Quixote” (pág. 288).

Não é necessário analisar os discursos de todos os galeotes, mas é importante ressaltar e analisar os momentos em que não acontece o discurso, pois são nestes momentos que surgem elementos que estão no nível extralinguístico, e que também são persuasivos. Estes instantes aconteceram em dois momentos, quando o segundo ladrão e o quarto foram inquiridos por Dom Quixote. O recurso utilizado por eles, ao menos no instante em que são questionados, é discursivo e visual, pode-se dizer até mesmo que é exemplificativo, pois o discurso, para ser comovente, pode ser pensado e realizado juntamente com os gestos e as expressões. A melancolia presente no rosto do segundo e o choro do quarto galeote ao certo possuíram um indispensável papel na retórica do grande discurso coletivo dos acusados.

Além disso, ao falar, os prisioneiros às vezes são imprecisos e ambíguos. Um primeiro exemplo é quando ao segundo prisioneiro Dom Quixote indaga e o primeiro, vendo o silêncio do companheiro de infortúnio, responde: “Este, senhor, vai por canário, digo, por músico e cantos” (2010, pág. 288). Dom Quixote o indaga, incrédulo, se realmente músicos eram levados às galés e ele diz que sim: “pois não há pior coisa que cantar no horto” (Pág. 288). Apenas depois que o guarda os interrompe e explica o que realmente significa ser levado por canário que o Quixote concorda: “Senhor cavaleiro, ‘cantar no horto’ quer dizer entre esta

gente *non sancta* confessar em tormento (...) - Eu também o entendo assim - respondeu D. Quixote" (Pág. 288-9)

O quarto dos prisioneiros depois de ser interrompido e depois do discurso de Quixote ao seu favor, exprime as seguintes razões:

912

- Assim é - disse o bom velho -, e em verdade, senhor, em feitiçaria não tenho culpa alguma; em alcovitagem, não o posso negar, mas nunca pensei que com isso fizesse mal, pois toda minha intenção era que todo o mundo folgasse e vivesse em paz e sossego, sem pendências nem penas; mas em nada me aproveitou esse bom desejo para deixar de ir donde não espero voltar, pelo muito peso dos anos e de um mal de urina que sofro, que não me dá momento de descanso. (pág. 291)

O objetivo deste estudo não é desvelar a verdade ou a mentira presente no discurso dos ladrões, apenas estudar as técnicas e as maneiras utilizadas pelos galeotes para que Quixote os soltasse. Pensando nisto, verifica-se na enunciação do galeote que ele se descreveu inocente e, assim como o primeiro, justificou seus feitos de *alcovitagem* pela sua boa vontade de tornar o mundo um lugar melhor, retornando ao choro inicial.

O último dos Galeotes, Ginés de Passamonte, mesmo não sendo tão venerável ou tendo tanta galhardia e tristeza como os outros, é fundamental para convencer Dom Quixote, "pois não era muito que quem levava as mãos tão atadas tivesse a língua um tanto solta." (pág. 294). Ele não precisa de expressões, de gestos, de choros, apenas expõe sua situação e comenta sobre seu livro, que ainda está por ser acabado, o que faz com que Dom Quixote decida libertá-los.

Não se pode dizer o que definitivamente convenceu Quixote a libertar os escravos que eram levados pelos guardas, apenas apontar as possíveis funções de cada um dos elementos, sejam eles discursivos ou não, presentes nas ações, nos gestos e nas falas dos ladrões, pois até mesmo o ato de compaixão feito por Sancho para com o quarto dos ladrões pode ter sido um fator fundamental, que possivelmente estimularia Quixote a defendê-los dos guardas.

Como dito anteriormente, o discurso de agudeza é um meio de convencer não apenas quem escuta a mensagem, mas também quem a fala. Pensando nos

dados levantados em todo o debate feito pelo Quixote, pelos Galeotes, pelos guardas e por Sancho, podemos pensar também que Dom Quixote não foi, necessariamente, convencido pelos galeotes, mas sim por si mesmo. Ao final de sua “heróica” ação de libertar os prisioneiros, Quixote pede algo que, de acordo com Pasamonte, seria impossível para eles: Os homens deveriam ir a El Toboso para levar um recado à Dulcinéia, de que seu cavaleiro, o da triste figura, os havia libertado. Pensando na ação do Quixote, pensada apresentada anteriormente sem segundas intenções, apenas pelo bem e pela justiça, uma recaptulação surge com este pedido: Teria Dom Quixote salvo os presos com intenções prévias? Afinal, se, para o cavaleiro, os homens deveriam estar livres, por que, no final, exige que eles cumpram esta missão, que poderia colocar suas liberdades em risco novamente.

É muito provável que Quixote deixou-se convencer pelos galeotes. Mesmo Sancho, que no início achara uma má ideia libertá-los, passou a sentir pena deles e a se comover, dando uma esmola ao quarto prisioneiro. Pelo discurso, o que se pode afirmar com mais propriedade é que Sancho foi convencido pelo discurso dos presos. Não podemos afirmar com precisão se foi isto que se deu com Dom Quixote.

Conclusão

Neste trabalho buscou-se alcançar uma resposta difícil: Como os galeotes convenceram Quixote. As hipóteses levantadas foram pelo discurso de agudeza deles ou pelo discurso do próprio Dom Quixote, que comumente falou a favor dos prisioneiros, replicando os guardas e às vezes até Sancho. Ler apenas teorias sobre a retórica – a aristotélica –, um discurso de lógica que se preocupa fundamentalmente com os fatos, não nos ajuda a compreender o que convenceu realmente Quixote. É coerente levar em conta a loucura e os devaneios que sobem constantemente à cabeça do herói. Muito pouco provável um discurso lógico bastaria para convencê-lo. Nos inquietando com essa evidência, resgatamos o

discurso de engenho e a agudeza, que são úteis e agradáveis.

Os momentos mais emocionantes dos discursos são os que conseguem atingir Sancho e Quixote. Os prisioneiros que choram e o prisioneiro que se silencia, nesta linha pensamental, convencem mais que o que fala e explica suas ações. Uma prova evidente disso é a indiferença de Dom Quixote com a fala do primeiro prisioneiro. O debate se estenderá mais a partir do segundo prisioneiro, que nada falará, forçando seu companheiro de infortúnio a falar por si.

Podemos entender nesses índices que Dom Quixote utiliza o maravilhoso, os discursos engenhosos e a agudeza para convencer, mas que também deixa-se por ser convencido. Sua própria existência, enquanto cavaleiro heroico, foi moldada e preenchida com estes discursos, que são utilizados por eles e pelos outros, tornando o livro de Saavedra uma verdadeira obra do discurso de engenho. Pensando nos guardas, que permaneceram enrijecidos pelos fatos e pela lei do reino; em Sancho, que se comoveu com os galeotes; e nos próprios prisioneiros, que foram engenhosos e agudos, podemos perceber que a única forma de lidar com o engenhoso fidalgo, é sendo também engenhoso. O cavaleiro é feito da linguagem engenhosa e aguda, os personagens, para lidar com ele, também o precisam ser.

Referências

ARISTÓTELES. *Arte retórica e arte poética*. Trad. Antonio Pinto de Carvalho. Rio de Janeiro: Ediouro, S/D.

CARVALHO, Maria do S. de C. *Poesia de agudeza em Portugal*. São Paulo: Humanitas Editorial, 2007.

HANSEN, João Adolfo. *A sátira e o engenho*. Gregório de Matos e a Bahia do século XVII. 2. ed. São Paulo: Ateliê Editorial; Campinas: Editora da Unicamp, 2004.

PERNOT, Laurent. *La retórica em Grécia y Roma*. México: Universidad nacional autónoma de México, 2013.

SAAVEDRA, Miguel de Cervantes. *O engenhoso fidalgo Dom Quixote de La Mancha*. Trad e Notas Sergio Molina; apresentação de Maria Augusta da Costa Vieira. São Paulo: Ed. 34, 2010.

SARAIVA, Antonio José. *O discurso engenhoso* Estudos sobre Vieira e outros autores barrocos. São Paulo: Editora Perspectiva, 1980.